



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

205 ANOS DO NASCIMENTO DE SAMPAIO – 70 ANOS DAS VITÓRIAS DA FEB NA ITÁLIA

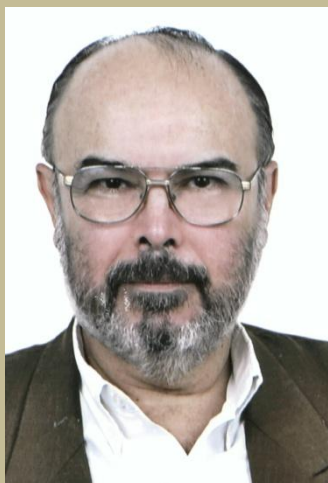
ANO 2015

Maio

Nº 143

Há 600 anos, a conquista de Ceuta

Armando Alexandre dos Santos ()*



O presente artigo está sendo escrito no dia 22 de agosto de 2015, precisamente na data em que se comemora o VI Centenário da Conquista de Ceuta, cidade situada no norte da África, diante do Estreito de Gibraltar e a pequena distância do extremo sul da Espanha.

A conquista de Ceuta foi o primeiro lance da expansão portuguesa pelos mares do planeta. O descobrimento oficial do Brasil, ocorrido 85 anos depois, foi, de certa forma, consequência desse episódio da História de Portugal. Daí a importância do centenário para a História do Brasil.

Desde a Antiguidade, Ceuta sempre foi considerada praça da maior importância militar e econômica. Conta-se que o nome lhe veio de sua topografia peculiar, constituída de sete montes dispostos em semicírculo. Os romanos os designavam como “Septem Fratres” (sete irmãos). Do “septem” latino, por corruptela, chegou-se a Septa e mais tarde a Ceuta.

Meta sempre visada por quantos pretendessem estender seus domínios da Europa à África, ou passar deste para aquele continente, inicialmente a ocuparam os cartagineses. Os romanos a tomaram depois. Seguidamente, os turbulentos vândalos e por fim os godos lá se estabeleceram.

Os maometanos se apoderaram da cidade em 710, devido à traição do conde Juliano, que a entregou aos agarenos. Utilizando-a como base, puderam estes partir para a conquista da decadente Espanha visigótica. Por isso, uma velha crônica referiu-se a Ceuta como “*chave da Cristandade e terror da Espanha*”.

Ademais do evidente valor estratégico, Ceuta foi adquirindo, no correr dos séculos, cada vez maior importância comercial. Em seu porto faziam escala os navios mercantes de Veneza e Gênova que atravessavam o Estreito em demanda do Atlântico. Produtos do remoto Oriente – sedas, tapetes, especiarias, metais e pedras preciosas – eram encontrados em abundância nos seus numerosos armazéns.

Compreende-se por tudo isso quão zelosamente velavam os maometanos pela segurança de Ceuta. Orgulhosos de suas riquezas e confiados em suas próprias forças, não poderiam supor que alguém ousasse investir contra a cidade. Tudo podiam esperar, menos um ataque frontal de quem

quer que fosse. Até mesmo porque Ceuta não se encontrava isolada, mas tinha por trás de si todo o norte do continente africano, maciçamente muçulmano; e o poderoso reino de Granada a resguardaria contra qualquer pretensão hispânica.

Foi no início de 1415 que o rei de Portugal, D. João I, resolveu tomar de assalto a praça forte maometana, a instância de seus três filhos mais velhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, que haviam chegado à idade de serem armados cavaleiros. Dispunha-se o “Rei de Boa Memória” a promover um vistoso torneio, no qual pudessem os jovens mostrar o valor de suas armas para merecerem, assim, o ambicionado galardão. Para espanto do monarca, porém, a ideia não despertou o entusiasmo que seria de esperar. Objetaram os três que melhor seria provar seu valor contra inimigos da fé do que em fingidos torneios. Não estava Ceuta ali próxima, quase à vista? Por que não atacá-la?

Prudente, o rei não quis decidir sem ouvir as autorizadas opiniões da rainha D. Filipa e do Condestável São Nuno Álvares Pereira, respeitado como estrategista militar e vencedor dos castelhanos em numerosas batalhas. A rainha aprovou inteiramente a proposta dos filhos e o Condestável, cuja idade não havia extinguido o ardor combativo, imediatamente se ofereceu para acompanhar a expedição. Em sua longa vida de lutas, sempre havia precisado pelejar contra outros cristãos e nunca tinha podido terçar armas contra infiéis, o que muito lamentava. Mas agora, era chegada a oportunidade de ser, ele também, um cruzado! O entusiasmo guerreiro do Santo contribuiu poderosamente para dissipar as dúvidas que ainda alimentava o rei, o qual, por fim, determinou que se recrutassem com presteza as tropas necessárias.

Depois de alguns meses de intensos preparativos, cercados, aliás, do maior sigilo quanto ao objetivo visado, afinal partiu de Lisboa uma forte armada. Comandava-a o rei, pessoalmente. São Nuno Álvares também foi, discreto e modesto, comandando apenas uma das naus.

Cruzado o estreito de Gibraltar e tendo Ceuta à vista, dispôs o monarca seus navios em ordem de combate e ordenou o desembarque das tropas. A cidade ofereceu feroz resistência. Os três filhos do rei realizaram prodígios de valor entre os mouros, e o próprio monarca, apesar de sua idade já avançada, também combateu a pé, sendo até ferido na luta.

Depois de algumas horas de combate, já não podendo conter o ímpeto da ofensiva cristã, a resistência muçulmana cedeu e Ceuta foi inteiramente dominada pelos lusos. Ainda no campo de batalha, o rei sagrou cavaleiros os três filhos, e sobre a mais alta torre da cidade foi içado o pendão real, com as Cinco Chagas do Salvador. Isso aconteceu no dia 22 de agosto de 1415.

A mesquita, que até então fora o orgulho da cidade, toda de mármore e mosaicos coloridos, foi canonicamente purificada e tornou-se templo católico, condição que conserva até hoje. No altar-mor, colocou-se a imagem da Virgem que o rei trouxera de Lisboa, para abençoar a expedição. A tropa a designava como “Virgem de África”, nome pelo qual passou a ser conhecida. Ainda hoje é venerada em Ceuta, como padroeira da cidade.

Ceuta foi a única cidade portuguesa que, após a Restauração da independência lusa, em 1640, não retornou ao domínio de Portugal, mas continuou espanhola. Até hoje permanece cristã, constituindo um enclave espanhol do reino de Marrocos. Muitas vezes tentaram os maometanos recuperá-la, chegando certa vez a cercá-la durante 33 anos ininterruptos (de 1694 a 1727!), mas Ceuta resistiu e continuou cristã.

() Armando Alexandre dos Santos é licenciado em História, com pós-graduação em Docência do Ensino Superior e em História Militar, e possui também Licenciatura em Genealogia, Heráldica e Nobiliária. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e leciona na Universidade do Sul de Santa Catarina, no programa de pós-graduação (lato sensu) em História Militar. É jornalista profissional e publicou numerosos livros, cujas tiragens alcançam a cifra de 1.3 milhão de exemplares. Algumas delas são as seguintes: “A Legitimidade Monárquica no Brasil”, “Ser ou não ser monarquista, eis a questão”, “Parlamentarismo, sim, mas à brasileira”, “O Brasil Império nas páginas de um velho almanaque alemão”,*

